



4637 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT06 - Educação Popular

SABERES DAS INFÂNCIAS POPULARES: O PRAZER DE CONHECER O UNIVERSO DA ALFABETIZAÇÃO COM AS CRIANÇAS
Bruna de Souza Fabricante Pina - UFF - Universidade Federal Fluminense

SABERES DAS INFÂNCIAS POPULARES: O PRAZER DE CONHECER O UNIVERSO DA ALFABETIZAÇÃO COM AS CRIANÇAS

O presente trabalho apresenta reflexões construídas a partir de uma pesquisa de doutorado, em andamento, realizada com o cotidiano escolar (FERRAÇO, 2007), tecida em uma perspectiva dialógica (FREIRE, 1981). Trata-se de um estudo sobre as relações (aproximações, afastamentos e tensões) entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental que problematiza, especialmente, questões ligadas ao processo de alfabetização. O ainda recente processo de democratização do acesso à leitura e à escrita não tem garantido que todos se alfabetizem, constituindo-se como desafio à escolarização, especialmente das crianças das classes populares. Na caminhada investigativa, o trabalho se constituiu como uma pesquisa com crianças (PEREIRA, 2012, 2015), evidenciando o quanto se pode aprender com elas acerca da escola e da alfabetização. Para tal, problematiza-se a ideia de uma educação única, determinada por padrões hegemônicos, que definem os modos de ser e aprender, trazendo para o debate as possibilidades e as potencialidades da educação popular que se estabelece de forma coletiva e pelo diálogo, como propunha Paulo Freire (1975).

Palavras-chave: Crianças; Infâncias Populares; Cotidiano Escolar

SABERES DAS INFÂNCIAS POPULARES: O PRAZER DE CONHECER O UNIVERSO DA ALFABETIZAÇÃO COM AS CRIANÇAS

A educação das crianças no Brasil, principalmente nas duas últimas décadas, vem sofrendo alterações significativas, colocando em discussão os modos de educá-las e de cuidar delas. Nesse contexto, a pesquisa em tela se move a partir de questões que dizem respeito às relações entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, especialmente aquelas ligadas ao processo de alfabetização: Alfabetiza-se ou não na Educação Infantil? Onde e quando alfabetizar? Como alfabetizar? O que estamos chamando de alfabetização? Perguntas que compreendo não serem exclusivamente minhas, já que emergem com mais ou menos força nos debates do campo educacional.

Tais reflexões compõem uma pesquisa de doutoramento em fase final, que se propõe a pensar nas relações entre a pré-escola e o primeiro ano da segunda etapa da Educação Básica, problematizando como a alfabetização tem sido vivenciada pelas crianças em uma rede municipal na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

O processo de alfabetização tem se constituído como um grande desafio para a educação no Brasil, se considerarmos que a democratização do acesso à leitura e à escrita é recente e ainda não garante o sucesso de todos. Este parece ser um desafio para o processo de escolarização dos brasileiros, pois desvela memórias de fracasso e insucesso, especialmente dos sujeitos das classes populares (GARCIA, 1992). Ao discutir essa temática, é necessário refletir o quanto esse processo pode marcar a vida dos sujeitos que, por não se enquadrarem nos padrões hegemônicos e esperados dos modos de apreender, têm sua trajetória escolar atravessada pelo fracasso, sendo, muitas vezes, cerceados do direito a aprender a ler e escrever.

Mas, no cotidiano de escolas públicas, frequentemente, as meninas e os meninos têm, com suas lógicas infantis, provocado um (re)pensar das propostas pedagógicas, colocando em questão seus saberes e modos de aprender, contrariando a ideia de que a infância é tempo de incapacidade, do não saber. Os encontros com as crianças e professoras, com quem partilhei a pesquisa, (re)afirmaram que era preciso seguir tentando - no mergulho no cotidiano -, buscando ouvir, ver e sentir a vida na escola.

Infâncias e crianças: sobre modos de ser, ver, sentir, pensar...

Na tentativa de compreender as questões que moviam a pesquisa, coloquei-me em um exercício investigativo e na produção de uma pesquisa *com* o cotidiano (FERRAÇO, 2007). Nessa perspectiva teórico-metodológica, em que o trabalho se desenvolve em diálogo com os sujeitos e a partir das relações tecidas no cotidiano, não se carregam muitas certezas e previsibilidades. Nesse movimento investigativo, acompanhei, em 2017, uma turma no último ano da Educação Infantil em um Centro Municipal de Educação Infantil e, no ano seguinte, sua chegada ao primeiro ano do Ensino Fundamental, em uma Escola Municipal.

No caminhar da pesquisa, ao afirmar o compromisso de pesquisar com as crianças das classes populares, que, ao longo do tempo, vêm sendo submetidas a um processo escolar marcado por relações de colonialidade, que resultam em

sua invisibilização e negação, o trabalho foi assumindo-se como uma pesquisa *com* as crianças (PEREIRA, 2012, 2015). Nesse sentido, tem exigido, constantemente, repensar o trabalho e seus encaminhamentos, para que pudesse se constituir como uma produção coletiva e para que a participação das meninas e meninos pudesse ser efetiva e constitutiva na investigação.

Ao pensar nas maneiras de fazer a pesquisa com as crianças, foi preciso deixar que nossos encontros pudessem apresentar questões e desdobramentos para o trabalho. Dentre eles, surgiu a possibilidade de as crianças terem à disposição uma câmera fotográfica para registrarem seu cotidiano. Inicialmente, a proposta tinha a intenção de fortalecer o diálogo com o grupo de crianças, aproximando-me do cotidiano pesquisado. Todavia, ao encontrar-me com as imagens produzidas, o deslocamento foi inevitável, o que me levou a compreender as fotografias como textos, poesias e criações (LEITE, 2016) e não mais como meras representações do cotidiano.

A proposta de produção das imagens esteve aliada aos princípios da educação popular (autonomia, trabalho coletivo, solidariedade). As crianças aprendiam e me ensinavam a fazer pesquisa, usavam com autonomia a câmera fotográfica, além de decidirem de forma coletiva e solidária como cada um poderia fazer fotografias. O trabalho foi sendo tecido de forma dialógica (FREIRE, 1985), no qual, entre consensos e dissensos, íamos juntos, pesquisadora, crianças e professoras, pensando sobre o fazer pesquisa e de que modo essa experiência poderia nos ajudar a (re)pensar a escola.

É sabido que as concepções de infância e criança têm influenciado as propostas pedagógicas e os currículos praticados no cotidiano das escolas brasileiras. Os estudos da criança (SARMENTO, 2015) vêm ajudando a entender a infância como uma categoria plural em permanente construção e atravessada por variáveis sociais, históricas, de gênero, de classe, etnia, compreensão que influencia as maneiras de entender e de perceber as crianças.

Meus encontros com as meninas, os meninos e suas infâncias populares, marcadas por seus modos particulares de ver e sentir a vida, provocaram-me a refletir sobre a necessidade de romper com a ideia de uma educação única, enquadrada em padrões hegemônicos, que determinam os modos de ser, aprender e viver. Isso exige também pensar, a partir do diálogo, de que modo as crianças podem contribuir com o processo de escolarização e, especialmente com o de alfabetização.

Pistas e propostas educativas para as crianças: (re)pensar é preciso

A alfabetização, conquanto seja um tema discutido e estudado há algumas décadas, quando problematizado no cotidiano escolar, pela pesquisa em tela, parece desencadear tensões, contradições e dúvidas, revelando as concepções de alfabetização que, em alguns casos, conferem à Educação Infantil o caráter preparatório para o Ensino Fundamental, desenvolvendo-se a partir de atividades mecanicistas e de treino de habilidades.

Por sua vez, a segunda etapa da Educação Básica, em seu primeiro ano, teria, como trabalho central, ensinar a leitura e a escrita, sendo desenvolvido, na maioria das vezes, por meio de propostas de cópia, treino, repetição. Isso seria feito abrindo mão das possibilidades de produção do conhecimento numa perspectiva dialógica (FREIRE, 1981), na qual os saberes populares, matemáticos, artísticos, geográficos, históricos, entre outros, poderiam potencializar o processo de aprendizagem e de alfabetização.

As crianças, com seus saberes, têm mostrado o quanto desejam apropriar-se da leitura e escrita. Ao acompanhá-las no cotidiano escolar, durante a pesquisa, pude perceber como criam estratégias para aprender, modos de ajudar uns aos outros, mantendo a curiosidade para desvendar o “mundo” das letras. Não foram poucas as vezes que pude vê-las lendo os textos a partir dos seus repertórios e escrevendo, lançando mão dos saberes que vêm construindo ao longo da vida, seja na escola e/ou fora dela.

Pelas experiências vividas na pesquisa e em minha trajetória profissional, entendo que se enfraquece o potencial criador da alfabetização (FREIRE, 2011), se o debate fica em torno de questões sobre qual o melhor lugar ou etapa para alfabetizar. Especialmente se compreendemos “que a alfabetização não tem início a partir da entrada da criança na escola e na primeira série, mas vem acontecendo desde que a criança nasce (GARCIA, 1992, p. 11).” Compreendi, com a pesquisa e com as crianças, que talvez não seja preciso debater em que momento/etapa da escolarização em que se deve alfabetizar, mas problematizar de que forma se alfabetiza e como a Educação Infantil e o Ensino Fundamental podem potencializar e possibilitar essa aprendizagem e como as crianças podem ser corresponsáveis nesse processo.

A tentativa era aprender com os saberes das infâncias populares que se constituíam como pistas importantes para a investigação em curso. Assim, busca-se compreender quanto as reflexões tecidas na caminhada investigativa ajudam a pensar nas potencialidades da educação popular, entendendo-a como uma produção solidária, coletiva e dialógica, provocando o necessário (re)pensar das práticas e propostas educativas, tornando-as mais democráticas, criativas, críticas, quando construídas coletivamente pelos sujeitos nelas envolvidos.

Considerações finais

Enfim, a pesquisa tem mostrado que há um desafio a ser enfrentado: escutar, de modo sensível, as crianças e aprender com suas maneiras de pensar, viver, aprender. Esse exercício nos coloca a necessidade de rever a concepção de escola com a qual nos filiamos, o modo de ser professora que adotamos e procurar sempre, nos encontros cotidianos,

possibilidades de transformação da prática pedagógica e do contexto no qual nos inserimos, ajudando-nos a compor práticas mais democráticas e partilhadas com as infâncias. Isso pode ser feito propondo uma educação na qual é possível aprender ao ensinar e ensinar ao aprender, na qual, de forma coletiva e solidária, seja possível aprender/ensinar, da qual as experiências das infâncias populares sejam constitutivas do processo de alfabetização e escolarização, vivendo uma educação que se proponha como prática de liberdade (FREIRE, 1975) e dialógica, na qual, em comunhão, crianças e adultos possam educar-se.

Referências Bibliográficas

FERRAÇO, C. E. Pesquisa com o cotidiano. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 98, p. 73-95, 2007.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 9ª edição, 1981.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2011.

GARCIA, R. L. (org.). **Alfabetização dos alunos das classes populares, ainda um desafio**. São Paulo: Cortez, 1992.

LEITE, C. D. P. Infância, tempo e imagem: contornos para uma infância da educação. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.34, n.68, p.13-28, 2016.

PEREIRA, R. R. Pesquisa com crianças. In: PEREIRA, R. R. e MACEDO, N. M. (Org.). **Infância em Pesquisa**. 1ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012, v. 1, p. 59-88.

SARMENTO, M. J. Uma agenda crítica para os estudos da criança. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 31-49, jan./abr. 2015.